

Ministério da Educação

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO

**ENEM
2006**

PROVA 1 – AMARELA

PORTUGUÊS

Questão 01

NAMORADOS

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:

— Antônia, ainda não me acostumei com o seu

[corpo, com a sua cara.

A moça olhou de lado e esperou.

— Você não sabe quando a gente é criança e de

[repente vê uma lagarta listrada?

A moça se lembrava:

— A gente fica olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos dela.

O rapaz prosseguiu com muita doçura:

— Antônia, você parece uma lagarta listrada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

O rapaz concluiu:

— Antônia, você é engraçada! Você parece louca.

Manuel Bandeira. **Poesia completa & prosa.**

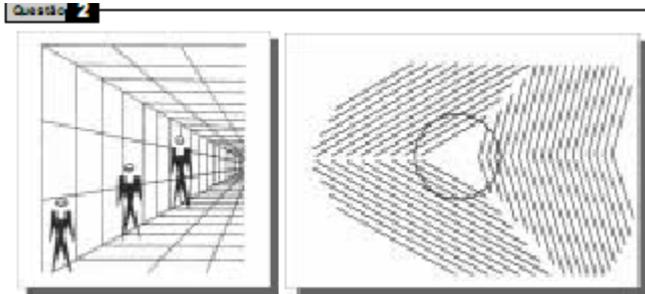
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

No poema de Bandeira, importante representante da poesia modernista, destaca-se como característica da escola literária dessa época

A a reiteração de palavras como recurso de construção de rimas ricas.

- B a utilização expressiva da linguagem falada em situações do cotidiano.
- C a criativa simetria de versos para reproduzir o ritmo do tema abordado.
- D a escolha do tema do amor romântico, caracterizador do estilo literário dessa época.
- E o recurso ao diálogo, gênero discursivo típico do Realismo.

Questão 02



As linhas nas duas figuras geram um efeito que se associa ao seguinte ditado popular:

- A Os últimos serão os primeiros.
- B Os opostos se atraem.
- C Quem espera sempre alcança.
- D As aparências enganam.
- E Quanto maior a altura, maior o tombo.

Questão 03

ERRO DE PORTUGUÊS

Quando o português chegou
 Debaixo de uma bruta chuva
 Vestiu o índio
 Que pena!
 Fosse uma manhã de Sol
 O índio tinha despido
 O português.

Oswald de Andrade. **Poesias reunidas.**
 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

O primitivismo observável no poema acima, de Oswald de Andrade, caracteriza de forma marcante

- A o regionalismo do Nordeste.
- B o concretismo paulista.
- C a poesia Pau-Brasil.
- D o simbolismo pré-modernista.
- E o tropicalismo baiano.

Questão 04

Depois de um bom jantar: feijão com carne-seca, orelha de porco e couve com angu, arroz-mole engordurado, carne de vento assada no espeto, torresmo enxuto de tocinho da barriga, viradinho de milho verde e um prato de caldo de couve, jantar encerrado por um prato fundo de canjica com

torrões de açúcar, Nhô Tomé saboreou o café forte e se estendeu na rede. A mão direita sob a cabeça, à guisa de travesseiro, o indefectível cigarro de palha entre as pontas do indicador e do polegar, envernizados pela fumaça, de unhas encanoadas e longas, ficou-se de pança para o ar, modorrento, a olhar para as ripas do telhado.

Quem come e não deita, a comida não aproveita, pensava Nhô Tomé... E pôs-se a cochilar. A sua modorra durou pouco; Tia Policena, ao passar pela sala, bradouassombrada:

— Êêh! Sinhô! Vai drumi agora? Não! Num presta... Dá pisadêra e póde morrê de ataque de cabeça! Depois do armoço num far-má... mais depois da janta?!”

Cornélio Pires. **Conversas ao pé do fogo**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1987.

Nesse trecho, extraído de texto publicado originalmente em 1921, o narrador

A apresenta, sem explicitar juízos de valor, costumes da época, descrevendo os pratos servidos no jantar e a atitude de Nhô Tomé e de Tia Policena.

B desvaloriza a norma culta da língua porque incorpora à narrativa usos próprios da linguagem regional das personagens.

C condena os hábitos descritos, dando voz a Tia Policena, que tenta impedir Nhô Tomé de deitar-se após as refeições.

D utiliza a diversidade sociocultural e lingüística para demonstrar seu desrespeito às populações das zonas rurais do início do século XX.

E manifesta preconceito em relação a Tia Policena ao transcrever a fala dela com os erros próprios da região.

Texto para as questões 5 e 6

AULAS DE PORTUGUÊS

1 A linguagem
na ponta da língua
tão fácil de falar

4 e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,

7 sabe lá o que quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando

10 o amazonas de minha ignorância.

Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.

13 Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,

16 a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a priminha.

O português são dois; o outro, mistério.

Carlos Drummond de Andrade. **Esquecer para lembrar**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

Questão 05

Explorando a função emotiva da linguagem, o poeta expressa o contraste entre marcas de variação de usos da linguagem em

- A situações formais e informais.
- B diferentes regiões do país.
- C escolas literárias distintas.
- D textos técnicos e poéticos.
- E diferentes épocas.

Questão 06

No poema, a referência à variedade padrão da língua está expressa no seguinte trecho:

- A “A linguagem / na ponta da língua” (v.1 e 2).
- B “A linguagem / na superfície estrelada de letras” (v.5 e 6).
- C “[a língua] em que pedia para ir lá fora” (v.14).
- D “[a língua] em que levava e dava pontapé” (v.15).
- E “[a língua] do namoro com a priminha” (v.17).

Questão 07

No poema **Procura da poesia**, Carlos Drummond de Andrade expressa a concepção estética de se fazer com palavras o que o escultor Michelângelo fazia com mármore. O fragmento abaixo exemplifica essa afirmação.

(...)
Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
(...)
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade. **A rosa do povo**.
Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 13-14.

Esse fragmento poético ilustra o seguinte tema constante entre autores modernistas:

- A a nostalgia do passado colonialista revisitado.
- B a preocupação com o engajamento político e social da literatura.
- C o trabalho quase artesanal com as palavras, despertando sentidos novos.
- D a produção de sentidos herméticos na busca da perfeição poética.
- E a contemplação da natureza brasileira na perspectiva ufanista da pátria.

Questão 08

No romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o vaqueiro Fabiano encontra-se com o patrão para receber o salário. Eis parte da cena:

1 Não se conformou: devia haver engano. (...)

Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos.

4 Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de 7 alforria?

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço 10 noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não.

Graciliano Ramos. *Vidas Secas*. 91.^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

No fragmento transcrito, o padrão formal da linguagem convive com marcas de regionalismo e de coloquialismo no vocabulário. Pertence à variedade do padrão formal da linguagem o seguinte trecho:

- A “Não se conformou: devia haver engano” (ℓ.1).
- B “e Fabiano perdeu os estribos” (ℓ.3).
- C “Passar a vida inteira assim no toco” (ℓ.4).
- D “entregando o que era dele de mão beijada!” (ℓ.4-5).
- E “Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou” (ℓ.11).

